

## **ESCRE(VIVÊNCIA) HOMOCULTURAL NO CONTO ‘BEIJO NA FACE’, DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

Elisabete Costa Silva (1); André Luis Mitidieri Pereira (2).

*Universidade Estadual de Santa Cruz*  
*eliscsk@hotmail.com; mitidierister@gmail.com.*

### **Resumo**

O núcleo deste trabalho reside no conceito de escre(vivência): escrita de um corpo a partir da sua própria condição e experiência. Investigando o contexto de fusão entre criação e (auto)biografia, visamos à leitura e à discussão do conto “Beijo na face”, de Conceição Evaristo, a fim de identificar, nele, possíveis imagens de uma autorrepresentação de sua autora. Levamos em consideração que Evaristo é exemplo de um projeto literário marcado pelo caráter combativo em relação à autoridade branca, falocêntrica e heterossexista. Além disso, com vistas a tornar viável a ideia de uma escre(vivência) homocultural, trabalharemos, também, questões relativas à chamada literatura homoerótica, com o intuito de promover reflexões acerca da inserção de subjetividades contra-hegemônicas no âmbito literário.

**Palavras-chave:** Escre(vivência), Homocultura, Literatura afro-brasileira, Conceição Evaristo.

### **INTRODUÇÃO**

Em harmonia com discursos políticos, religiosos, educacionais, dentre outros, a literatura quase sempre trouxe consigo uma gama de estereótipos e estigmas sobre o corpo feminino, negro e homossexual. À margem dessa lógica, e pela necessidade de confrontá-la, surgiram propostas literárias que se propuseram a representar sujeitos historicamente silenciados.

É nesse cenário que surge Conceição Evaristo, autora não apenas do conto a ser analisado, mas também do conceito que nos norteia – o de escre(vivência). A escritora, que se tornou bastante conhecida no âmbito da literatura afrobrasileira por sua obra *Ponciá Vicêncio* (2003), vem nos presenteando com obras belíssimas, como *Becos da memória* (2006) e sua última publicação, *Olhos D’água* (2016) – na qual está presente o conto por nós escolhido, “Beijo na face”.

Essência da ancestralidade afrofeminina, Evaristo inscreve no corpus literário brasileiro imagens de subjetividades vivenciadas pela (ou a partir da) sua própria condição na sociedade. Assim, suas obras são, por excelência, um espaço para resistir, recusar os silêncios ainda impostos.

A opção por trabalhar o conto “Beijo na face” diz respeito, primeiramente, à necessidade de resistir à tendência histórica – neste caso, literária – de representar negativamente a mulher, em especial, a mulher negra. Fugir dessas representações é fazer o caminho inverso ao cânone e valorizar projetos que atuam estratégias emancipatórias. Mais do que isso, é buscar trazer à tona uma produção de autoria afrofeminina destituída de submissão, e aqui reside a pertinência do caráter homocultural dos textos. Falar da desestabilidade causada por um corpo feminino que, além

de não se subordinar ao discurso hegemônico no plano étnico, também não o faz no plano sexual, representa, para nós, uma oportunidade de renunciar à autoridade branca e falocêntrica mantida durante séculos.

Dessa forma, buscamos um tema que nos permitisse aprofundar algumas relações de mudança nas concepções básicas do cânone literário, em especial, no que tange à literatura brasileira contemporânea, na qual os contos se inserem. Elegemos dois pilares para a nossa pesquisa: o conceito de escre(vivência) e os estudos acerca da homocultura. O primeiro se aplica porque, em sua narrativa Evaristo compartilha experiências de quem conhece a dupla condição, que a sociedade insiste em querer inferiorizada: mulher e negra. O segundo é pertinente à desconstrução de paradigmas no campo da diversidade sexual e de gênero, haja vista que nosso corpus representa e enaltece relações afetivas entre duas mulheres.

## **METODOLOGIA**

Trata-se de um trabalho de leitura e análise de material bibliográfico, isto é, estudo das fontes com o suporte de textos teóricos e críticos. Para que esta análise se tornasse viável, foram necessárias leituras sistemáticas, tendo como ponto de partida o texto literário – neste caso, o conto –, para o levantamento e a reflexão acerca de possíveis traços (auto)biográficos, afinidades conceituais e outros elementos trazidos pela autora.

Em seguida, partimos para a leitura de textos já publicados pela crítica e por pesquisadores da área no que diz respeito tanto à literatura afrobrasileira, como à homocultura. À medida que nos aprofundamos no estudo desses textos, partimos para a análise do conto em destaque. Assim, tornou-se possível a discussão da nossa hipótese teórica, dessa vez por meio de um exercício de escrita mais elaborado.

O campo teórico que sustentou nossa pesquisa está calcado nas considerações de Duarte (2013) acerca de literatura e afrodescendência; de Augel (2013), ao tematizar a escrita afrofeminina; e no conceito de escre(vivência), tal como é chamado por Evaristo (2005). Ademais, quanto às questões relativas à literatura homoerótica, nos baseamos em Eribon (2000) e Lugarinho (2010). Por fim, conjugamos as duas temáticas, na tentativa de desenvolver a noção de “escre(vivência) homocultural”.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em seu texto “Literatura e afrodescendência”, Eduardo de Assis Duarte (2013, p. 5) aponta que:

A assunção da afrodescendência funcionaria como um antídoto ao processo de alienação que afeta indivíduos de ‘pele negra e máscaras brancas’ (FANON, 1983). Tais sujeitos edificam para si a imagem de brancos e se tornam eles próprios agentes do preconceito. A celebração de vínculos, inclusive afetivos, com uma africanidade em parte resgatada e em parte construída a posteriori, no âmbito da diáspora negra no Brasil, confere à produção cultural comprometida com esse processo um caráter de resistência política ao rebaixamento social do qual é vítima esta população.

Ao falar desse comprometimento com a africanidade, o autor reivindica uma literatura que, mais do que representar indivíduos de pele negra sob a mesma ótica de autores brancos, apresente-se enquanto lócus de enunciação dos próprios sujeitos que se autodeclaram afrodescendentes. Trata-se, portanto, do ponto de vista adotado por cada autor, que pode contribuir, ou não, para a afirmação identitária de sujeitos negros no âmbito da literatura.

Nesse sentido, também, Moema Parente Augel, em “E agora falamos nós”: literatura feminina afrobrasileira, agrega à discussão a questão de gênero:

É extremamente difícil escapar à imagem normativa que a sociedade envolvente faz da mulher afro-brasileira. Símbolo sexual, instrumento de e para o serviço, objeto e não sujeito, incapaz de assumir certos papéis e cargos, ocupados quando muito por mulheres brancas (AUGEL, 2013, p. 8).

É tendo em vista essa invisibilização da mulher negra, também no campo literário, que surge o conceito de escre(vivência):

Assenhoreando-se ‘da pena’, objeto representativo do poder falocêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de uma auto-representação. Surge a fala de um corpo que não é apenas descrito, mas antes de tudo vivido. A escre(vivência) das mulheres negras explicita as aventuras e as desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e negra (EVARISTO, 2005, p. 6).

Assim, o corpo dessas mulheres deixa de ser apenas descrito, como fora antes: agora, são elas próprias as protagonistas das suas histórias. Ao falar do seu próprio cotidiano, de seus vestígios de memória, a escritora constrói um projeto literário que não é simplesmente panfletário, mas sim carregado de sensibilidade e de reflexões profundas acerca das relações de subalternidade às quais ela mesma foi submetida ao longo da vida.

Também nesse viés contra-hegemônico, encontra-se o que chamamos de homocultura. Trata-se, grosso modo, de identidades vinculadas aos homossexuais, que funcionam, por assim dizer, enquanto estratégias de defesa destinadas a proteger esses sujeitos da sociedade que os ataca (ERIBON, 2000, tradução nossa). Pensando nisso, e conjugando a homocultura aos estudos literários, Lugarinho (2010, p. 75) defende:

Não creio na utopia e tampouco nas utopias, mas creio na atividade diária da revisão de paradigmas possibilitada pela experiência cotidiana. A oportunidade de, agora, pensar de como a literatura pode promover os direitos humanos no solo dos estudos gays e lésbicos é por demais necessária e bem-vinda; enfim, é a ousadia sonhada.

A sonhada ousadia de trazer a homocultura para o âmbito da literatura significa, pois, desestabilizar os modos de perceber a realidade e de interpretar as subjetividades. Trata-se de um desafio, um modo de romper silêncios impostos e, ao mesmo tempo, de um gesto de esperança que, quando conjugado à noção de escre(vivência), ganha um peso ainda maior.

Vejamos o seguinte trecho, presente no conto que compõe o nosso corpus:

Salinda olhou para o espelho. Sabia que ali encontraria a sua igual, bastava o gesto contemplativo de si mesma. E no lugar de sua face, viu a da outra. Do outro lado, como se verdade fosse, o nítido rosto da amiga surgiu para afirmar a força de um amor entre duas iguais. Mulheres, ambas se pareciam. Altas, negras e com dezenas de dreads a lhes enfeitar a cabeça. Ambas aves fêmeas, ousadas mergulhadoras na própria profundidade. E a cada vez que uma mergulhava na outra, o suave encontro de suas fendas-mulheres engravidava as duas de prazer. E o que parecia pouco, muito se tornava. O que finito era, se eternizava. E um leve e fugaz beijo na face, sombra rasurada de uma asa amarela de borboleta, se tornava uma certeza, uma presença incrustada nos poros da pele e da memória (EVARISTO, 2016, p. 57).

Nele, Evaristo não apenas dá voz a Salinda – uma mulher negra que se vê apaixonada por outra mulher, também negra –: ela a dignifica. Corpos, como o da personagem, que antes, quando citados, eram colocados sempre à satisfação do outro, e quase nunca de si mesmos, passam a descobrir-se. E, ao descobrir-se, também revelam as múltiplas possibilidades de vivenciar e expressar as sexualidades, os desejos, os afetos. Dessa forma, optar pela homocultura enquanto locus de estudo e pelos contos afrofemininos enquanto corpus de análise significa contribuir para a enunciação de outro modo de existir.

Vale ressaltar, ainda, que, embora não possamos afirmar que o conto analisado se pauta numa autoria homoerótica, a proposta de Evaristo ao falar de escre(vivência) toma para si o direito de ressignificar-se, de autorrepresentar-se. Portanto, ao tratar das possibilidades múltiplas de

mulheres negras exercerem suas sexualidades, Evaristo fortalece a luta por uma visão positiva de sujeitos que amam sujeitos do mesmo sexo, além de provocar deslocamentos no cânone.

É tendo essa compreensão que entrelaçamos os conceitos aqui elencados, de modo a desenvolver a noção de “escre(vivência) homocultural”: ao inscrever imagens de autorrepresentação em seu corpus literário, Conceição Evaristo acaba por, também, inserir visões e diálogos que rompem com os discursos hegemônicos e promovem críticas às heteronormatividades.

## CONCLUSÕES

Ao desenvolver este trabalho, concluímos que o conceito de Conceição Evaristo suplementa a noção de literatura homoerótica, permitindo a articulação de suas autorrepresentações ao tratar de personagens homossexuais e/ou se referir à homocultura.

Além disso, podemos dizer que nosso corpus contribui para ampliar as possibilidades sobre as formas de amar, fixadas pelo discurso hegemônico, e diversifica as fronteiras de gênero e de etnia. Estas, agora, encontram-se calcadas no respeito, na imagem positiva de mulheres negras e homossexuais.

Ao tratar as múltiplas possibilidades de exercer suas sexualidades, Evaristo e sua personagem Salinda fortalecem a luta por condições dignas de existência, ao passo que incitam novas possibilidades de se pensar o contexto homocultural feminino, livres de estereótipos impostos pelo falocentrismo.

Por esse motivo, nosso corpus subverte o cânone: caminha, pois, na direção contrária e dá vez às imagens de autorrepresentação de sujeitos homossexuais: às escre(vivências) homoculturais.

## REFERÊNCIAS

AUGEL, Moema Parente. “E agora falamos nós”: literatura feminina afro-brasileira. **Literafro**: Portal da Literatura Afro-brasileira. Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 2013. Disponível em: <<http://www.letas.ufmg.br/literafro/>>. Acesso em: 26 out. 2016.

DUARTE, Eduardo de Assis. Literatura e Afrodescendência. **Literafro**: Portal da Literatura Afro-brasileira. Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 2013. Disponível em: <<http://www.letas.ufmg.br/literafro/>>. Acesso em: 19 out. 2016.

ERIBON, Didier. Prólogo. Em torno a Reflexiones sur la question gay. In: \_\_\_\_\_. **Reflexiones sobre la cuestión gay**. Barcelona: Belaterra, 2000. p. 9-20; p. 71-100.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (Org.). **Mulheres no mundo**: etnia, marginalidade e diáspora. João Pessoa: Ideia; Editora Universitária UFPB, 2005.

\_\_\_\_\_. **Olhos d'água**. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2016.

LUGARINHO, Mário César. Direitos humanos e estudos gays e lésbicos: o que nós e Michel Foucault temos a ver com isso?. In: COSTA, Horácio; INÁCIO, Emerson; GARCIA, Wilton; BENTO, Berenice; PEREZ, William (Orgs.). **Retratos do Brasil homossexual**: fronteiras, subjetividades e desejos. 1. ed. São Paulo: Edusp, 2010. p. 67-77.